

PARÂMETROS SOCIOLINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS DE NATAL

Simone Queiroz Mendonça

Resumo

A partir de uma reflexão sobre a formação da língua portuguesa tendo como base o aparato teórico-metodológico da sociolingüística variacionista, busca-se discutir a relação entre língua e sociedade. Essa discussão é baseada em resultados de uma pesquisa na qual se investiga a seqüenciação de informações em Natal, Brasil, tendo como objeto de estudo os conectores E, AÍ e ENTÃO da perspectiva de fatores sociais como idade e escolaridade dos falantes.

Palavras-chave: variação lingüística; sociedade; conectores coordenativos

1. Língua e Sociedade brasileira: um conjunto de variedades

O ser humano tende a fazer generalizações acerca das impressões e sensações vividas ao longo do tempo. No entanto, se parasse para observar a natureza como um todo, notaria quão difícil é generalizar, pois se vive num mundo diverso e dinâmico. A natureza por si mesma é cíclica, heterogênea e diversa; assim também se apresenta o ser humano e seu sistema lingüístico. Falando-se do Brasil, pode-se afirmar e vivenciar uma pluralidade étnica que constitui as bases da formação desse país e, conseqüentemente, uma diversidade cultural e lingüística.

A língua oficial brasileira é o português. Apesar de herdada do português europeu, com o qual compartilha de uma mesma raiz, vê-se que a norma culta do português brasileiro tem suas peculiaridades e passou por transformações ao longo do tempo. Hoje o português brasileiro difere da língua falada em Portugal, possuindo suas próprias características gramaticais. A formação sócio-histórica brasileira permitiu essas transformações, através do contato entre as línguas que chegaram ao Brasil na época da colonização junto com seus usuários, no caso, as línguas européias, as africanas e a mescla com as línguas locais, ou seja, os vários dialetos indígenas. Nesse sentido, pretende-se fazer aqui uma reflexão acerca da língua portuguesa através do prisma da



sociolingüística variacionista, relacionando-se o contexto social no qual os usuários da língua se expressam e os fatores lingüísticos que interferem nessa manifestação da linguagem. Visa-se, assim, trabalhar com um modelo de análise que considere os fatores sociais brasileiros como influenciadores tanto do funcionamento quanto da estruturação da língua. Nessa direção, afirma Lucchesi (2006, p. 85):

Um dos pilares dessa nova proposta foi a negação da homogeneidade como condição necessária para o funcionamento da língua e a necessidade de considerar os fatores sociais no seu processo de estruturação; ou seja, o sistema de funcionamento da língua não poderia ser analisado sem o recurso às condições sociais em que a atividade lingüística se atualiza.

Partindo desse pressuposto, trabalhou-se com o conceito de norma lingüística, trazido do modelo teórico do estruturalismo lingüístico para o âmbito da sociolingüística variacionista. Para a sociolingüística, a comunidade de fala não é definida apenas pela homogeneidade lingüística dos seus membros, mas também pelo conjunto de valores que é utilizado para lidar com o comportamento lingüístico da comunidade e suas estruturas de mudança; por conseguinte, vê-se que há uma realidade dual da língua portuguesa, sendo definidas polaridades como *norma lingüística culta* e *norma lingüística popular ou vernácula*. A primeira origina-se a partir do uso lingüístico de uma elite escolarizada, enquanto a *norma popular ou vernácula* surge das comunidades de fala desprovidas de conhecimento das normas da tradição gramatical.

Todavia, este texto busca fazer uma reflexão sobre a realidade lingüística brasileira, tendo como ponto de partida a comunidade de fala da cidade de Natal. Pretende-se alcançar os seguintes objetivos:

- i. Desenvolver os princípios da sociolingüística variacionista através da análise dos conectores seqüenciadores de informação **E**, **AÍ** e **ENTÃO**.



- ii. Buscar indícios de mudança em progresso com base na distribuição social dos seqüenciadores, considerando-se grupos de fatores influenciadores.
- iii. Contribuir para a descrição e análise do português escrito e falado na Região Nordeste, possibilitando futuras comparações com resultados obtidos em pesquisas realizadas em outras regiões do país. Assim, será possível traçar panoramas de variação e mudança no que se refere ao português brasileiro.

2. Sociolinguística variacionista: um campo de batalha dos conectores *E*, *AÍ* e *ENTÃO*.

A teoria sociolinguística variacionista veio como apaziguadora do aparente caos em que se encontra a língua falada. Mas, o que seria esse caos linguístico? Observemos o que diz Tarallo (1985, p. 5):

O “caos” basicamente se configura como um campo de batalha em que duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa (doravante chamadas “variantes linguísticas”) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte.

Para que se possa entender como se dá essa “batalha”, serão apresentados o objeto de estudo da sociolinguística variacionista, a metodologia usada, assim como os conceitos de variáveis e variantes linguísticas. Além disso, será delineada a variável estudada nesta pesquisa, ou seja, os conectores coordenativos sequenciadores *E*, *AÍ* e *ENTÃO*.

O precursor da sociolinguística variacionista é o norte-americano William Labov, pois foi ele quem insistiu mais veementemente nos estudos da língua relacionando-a com a sociedade. Como a sociedade não é homogênea, assim não o é a língua, fato que fundamenta os estudos envolvendo a relação entre língua e sociedade. Nessa ótica,



busca-se analisar e sistematizar variantes lingüísticas utilizadas por uma mesma comunidade de fala.

A sociolingüística variacionista trabalha com dois conceitos em especial: a variável lingüística e suas variantes. Além disso, vale-se de dados estatísticos, em uma análise quantitativa. Em uma comunidade de fala, geralmente, têm-se formas distintas em variação, as formas variantes. Na presente pesquisa, essas formas são os conectores coordenativos E, AÍ e ENTÃO; a esse conjunto de formas dá-se o nome de variável. Será que ficou claro? Acompanhando Tarallo (1985, p. 8), vê-se que,

[...] “variantes lingüísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística.

No caso desse artigo, a variável lingüística é a relação de seqüenciação de informações através do uso de conectores seqüenciadores. Investigaram-se os fatores que motivam o uso variável dessas formas lingüísticas. Esses fatores agrupam-se em dois tipos: social e lingüístico. Os grupos de fatores sociais considerados na pesquisa foram sexo, idade e escolaridade. Já os grupos de fatores lingüísticos considerados foram funções semântico-pragmáticas, níveis de articulações, traços semânticos verbais, modalidade de fala e tipo de discurso. Utilizando o aparato metodológico da sociolingüística variacionista, foi feito um trabalho de coleta de dados utilizando-se o pacote estatístico VARBRUL (cf. PINTZUK, 1988), fazendo-se um levantamento quantitativo e, depois, avaliando-se os resultados de forma qualitativa.

Foram coletados 1.037 dados dos conectores E, AÍ e ENTÃO em 8 narrativas de experiência pessoal e 8 relatos de opinião orais e suas versões escritas, integrantes do *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998). Com base nos resultados quantitativos, observou-se haver restrições lingüísticas e sociais sobre o uso de E, AÍ e ENTÃO, e propuseram-se explicações a elas recorrendo-se a motivações de natureza social. No caso deste artigo, o foco será o grupo de fatores idade/escolaridade dos falantes. Com relação à influência desse grupo de fatores, era esperado que AÍ (conector estigmatizado e não-padrão) fosse condicionado favoravelmente na fala das pessoas de menor nível de escolaridade e de



menos idade, pois os empregos não adverbiais dessa forma costumam ser considerados, pelos professores de língua portuguesa e mesmo pelos usuários da língua em geral, não apenas como típicos da fala (e apenas em situações mais informais ou coloquiais), mas mesmo como vícios de linguagem (cf. TAVARES, 2003). E à medida que a escolarização avança, sua recorrência deve diminuir. Em contrapartida, E e ENTÃO devem ser mais utilizados por pessoas de nível de escolaridade superior, como alternativas não estigmatizadas de seqüenciar informações. Será que as expectativas se confirmaram? Observe-se a tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Porcentagem de distribuição de E, AÍ e ENTÃO quanto à escolaridade e idade dos natalenses

ESCOLAR./IDADE	E	AÍ	ENTÃO
8ª Série/13-16 anos	27%	71%	3%
Sup./+ de 23 anos	77%	14%	10%
TOTAL	54%	39%	6%

Observando os resultados quantitativos, nota-se que parece haver uma avaliação das variantes E, AÍ e ENTÃO pelos usuários da língua, que as julgam pertinentes ou não à variedade culta da língua. Nesse contexto, encontra-se o conector AÍ, que é geralmente tido como de menor prestígio em relação ao “seleto” conjunto de formas pertencentes à variedade culta, entre as quais estão E e ENTÃO. Essa falta de prestígio do AÍ, como já foi dito, leva-o a ser considerado como um vício de linguagem. Nessa direção, em um estudo comparando os usos dados aos conectores E e AÍ em narrativas orais e escritas, Abreu (1992) observa que, embora o AÍ seja muito freqüente, especialmente na oralidade, seu uso é estigmatizado. Abreu afirma que “[...] apesar do uso deste elemento tanto por adultos quanto por crianças ser um fato até certo ponto natural, a sociedade culta, a escola o rejeita.” Porém, é necessário considerar também a influência da idade dos falantes e escritores sobre a escolha entre E, AÍ e ENTÃO, pois resultados referentes à estratificação etária são fortes indicadores de mudança em



progresso. O *Corpus* Discurso & Gramática controla idade e nível de escolaridade de modo sobreposto, isto é, um grupo de informantes de certa escolaridade é o mesmo que possui certa faixa etária. Por isso, discutiram-se os resultados obtidos sem dissociar idade e faixa etária, mas salienta-se que um estudo mais detalhado terá de distinguir entre idade e escolaridade para explicar de modo mais minucioso a influência dos fatores sociais sobre o uso dos conectores seqüenciadores.

Constatou-se haver uma forte inclinação para que AÍ ocorra entre pessoas da oitava série e de 13 a 16 anos, paralelamente ao desfavorecimento a seu emprego entre pessoas de escolaridade superior e menor faixa etária. Verificou-se, portanto, que a escola e a idade influenciam o uso de AÍ, que tem sua recorrência bastante retraída com o avanço da escolarização e o aumento da faixa etária. Quanto aos outros dois conectores, tinha-se por hipótese que E e ENTÃO seriam mais recorrentes junto a informantes de nível de escolaridade superior e com mais de 23 anos de idade, como alternativas não estigmatizadas de seqüenciar informações, o que é confirmado pelos resultados que foram obtidos: os conectores em questão aparecem bastante entre pessoas de maior escolaridade e mais idade.

3. E AÍ? Novos horizontes

Analisaram-se os conectores E, AÍ e ENTÃO como formas variantes na indicação da seqüenciação de informações em textos orais e escritos produzidos por natalenses. Para tanto, controlou-se grupos de fatores sociais, e lançou-se mão do pacote estatístico VARBRUL, que forneceu porcentagens referentes ao uso de cada conector face a todo fator testado. Buscou-se interpretar esses resultados à luz de motivações sociais comumente envolvidas nos fenômenos de mudança, quais sejam a avaliação (positiva ou negativa) atribuída às formas lingüísticas por seus usuários e a tendência de as formas inovadoras serem mais recorrentes entre os indivíduos mais jovens.

Entre as principais conclusões alcançadas, está o fato de que, embora os conectores em questão desempenhem uma mesma função, sejam passíveis de intercambialidade e, portanto, possam ser tomados como variantes da seqüenciação, é perceptível a existência de tendências de uso preferencial no plano social que os diferenciam. Em síntese, como revelam as porcentagens obtidas, cada um dos



conectores tem seu emprego favorecido em diferentes contextos: AÍ recebe destaque entre indivíduos de oitava série e 13 a 16 anos, e E e ENTÃO entre indivíduos de ensino superior e com mais de 23 anos. Constataram-se ainda evidências de mudanças em tempo aparente (isto é, considerando a distribuição de E, AÍ e ENTÃO em diferentes faixas etárias).

Tomando o grupo de fatores idade/escolaridade como ponto de partida para estudos sobre as condições sociolingüísticas brasileiras, viu-se que, de fato, aliar o estudo da língua com fatores sociais revela uma realidade lingüística mais concreta. Assim, espera-se que tanto este estudo quanto outros que venham a ser realizados em outras regiões do país para o fenômeno de variação na função de seqüenciação de informações colaborem para que os usuários da língua conheçam de fato a língua que falam e escrevem. Desse modo, será possível delinear panoramas de variação e de mudança ainda mais completos no que se refere ao português brasileiro. Esse é nosso desafio!

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M. T. V. *Elementos conjuntivos: sua variação em narrativas orais e escritas*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FARACO, C. A. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- FURTADO da CUNHA, M. A. (org.). *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LUCCHESI, D. *Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro*. Revista da ABRALIN, p 83-112, 2006.
- PINTZUK, S. VARBRUL programs. ms.1988.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis, 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

